

## **Encontrar Gabriela: apontamentos sobre educar e conversar nas diferenças**

Tiago Ribeiro  
Camila Machado de Lima  
Carlos Skliar  
Brasil - Argentina

Este ensaio foi tecido entre conversas e conversações, nasce de conversas tecidas em diferentes espaços e tempos, nasce de encontros, de caminhadas desinteressadas em ruas que jamais serão esquecidas, de viagens partilhadas, de palavras, gestos, leituras. Enfim, de sentidos e afetos compartilhados acerca do educar que nos aproximaram e tornaram comum uma amizade que alimenta um certo modo de pensar e se emocionar em educação, de escutar, olhar, prestar atenção, sentir-se acolhido... de conversar.

Dois de nós, Camila e Tiago, vivemos, durante o doutorado em Educação cursado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com orientação da professora Carmen Sanches Sampaio, a possibilidade de viver oito meses em Buenos Aires, estudando sob a co-orientação de Carlos Skliar, que assina junto conosco este texto, num exercício compartilhado de pensar junto. No período de estudos na Argentina, pudemos viver o tempo liberado das impositivas de uma necessidade desenfreada de produção, de geração de produtos. Pudemos viver o encontro e a conversação como possibilidade de pensar com, de espichar modos de ver, de conhecer coisas que não conhecíamos – autores, filmes, peças, livros, lugares, canções.

Esse tempo em Buenos Aires nos possibilitou, a Camila e Tiago, não obstante, aproximarmo-nos um pouco mais da ideia de uma “pedagogia das diferenças e de “escuta das diferenças”, que Carlos nos re-apresentava de forma tão significativa, por meio das andanças, leituras, conversas e textos (Skliar, 2017). Conversas que produziram alguns efeitos, muitos dos quais reorientaram os percursos de nossas pesquisas, nosso “solo paradigmático” (para dar um tom mais “científico” a esta conversa), abrindo-o ao singular da experiência educativa, à experiência

da alteridade enquanto acontecimento.

Por isso, mediante o convite a pensar um capítulo para um livro cuja temática gira em torno dos complexos e complicados fenômenos que orbitam as relações nas diferenças, a ideia de tecer um ensaio a seis mãos, no desafio de pensar e conversar um pouco sobre o educar como um compromisso ético com todos e qualquer um.

Seria possível uma escola, uma relação pedagógica, um processo de ensinar e aprender fora das gramáticas capitalistas, da experiência do tempo enquanto meio para se produzir e acumular, da negação de determinados corpos e modos de existir enquanto potências? Uma escola onde é possível viver a diferença como relação de alteridade e não de negação de determinados sujeitos? Uma escola pública e popular onde todos e qualquer um possam exercer a potencialidade de ser capaz de experimentar e experienciar modos outros de ser, estar, se relacionar, habitar, sentir, amar etc.? Perguntando de outro modo, talvez mais incisivo: podemos pensar uma escola orientada à vida e não à sobrevivência - tão facilmente traduzida como “trabalho”?

Que escola?

Que docente?

Neste ensaio, conversamos e pensamos em torno de uma multiplicidade de ideias, sensações, sentimentos, saberes, afetos e emoções que nos atravessam; uma indagação inquieta e insistente sobre o educar, o ser professor/a, este ofício que nos toca, essa profissão na qual habitamos, este fazer que diz tanto sobre nossas biografias. Nessas conversas, em algum lugar, por alguma razão, ressurge Gabriela: menina negra com a qual um dos autores estudou durante os anos iniciais do ensino fundamental (hoje primeiro ao quinto ano), em uma escola pública no Rio de Janeiro. Mas, por que Gabriela?

### **Encontrar Gabriela (sobre a crueza de um mundo que faz doer e dói)**

Gabriela era uma menina negra, pele aveludada de noite, intensa,

marcante. Tinha o sorriso de lua, seja lá o que esta imagem quisesse dizer na cabeça de uma criança de oito anos, mas era assim que a enxergava. A imagem da menina é também a da singularidade de sua negritude: cor de jacarandá. Sim, na memória de alguém (de alguéns?) ela é a menina de pele de jacarandá e olhos que sorriam (como a lua!). Estava sempre disposta a uma brincadeira, sempre correndo, saltando, pulando, sorrindo. Os recreios e recreações eram o reinado e aparecem como um lampejo: frestas de brincadeiras, risos, choros, implicâncias, birras... essas coisas de criança que hoje, às vezes, tanto se quer medicalizar, num sobressaltado excesso que busca retirar da infância o que tem de livre, errante, inventivo, cativante, rebelde, criador, pulsante. No entanto, se Gabriela se chamava Gabriela, pouco importa. Poderia ser Maria, Artur, Antônio, Ana, Paloma, Cristina. Poderia, inclusive, ser Henrique, José, Damião, Rafael, Bianca ou uma infinidade de outros nomes, existentes ou ainda por inventar. Importa, isso sim, que era real, de carne osso, sorria, chorava, se alegrava e sofria; importa que era, como você, nós e qualquer um, uma pessoa singular no mundo, com histórias tão próprias, doces e duras, boas e ruins, leves e brutas, alegres e tristes.

O lugar onde, na memória, ressurgiu Gabriela é a escola. E são muitas as imagens com as quais poderíamos pintar o quadro de um dia nesse lugar, pois o educativo é composto de múltiplas e diferentes experiências, gestos, trajetórias, como ficou tão vivo em nossas conversas e encontros em diferentes espaços portenhos. Não importa a totalidade desses gestos e experiências – é impossível! – nem a quantidade. Importa o que algumas imagens da escola nos provocam, os sentidos que nos atravessam, as angústias que nos causam: o menino que desmaiou porque não havia se alimentado, a menina que foi abusada pelo amigo da família, a criança que desenha a escola e escreve, no desenho, ser esse “o melhor lugar do mundo”, o aluno que lê pela primeira vez e explode de alegria, o ex-aluno que volta para visitar o colégio que o marcou, a turma que precisa se deitar no chão por causa do tiroteio na rua da escola, tantos e tantos professores sem salários ou mal pagos... Tantas imagens felizes e tristes que alegram e fazem doer... Uma dessas imagens nos trouxe de volta Gabriela e insiste em pulsar...

Era um dia na segunda ou terceira série (hoje terceiro e quarto ano do ensino fundamental, respectivamente). Um dia de aula comum, e a professora estava de costas para a turma, passando no quadro uma cópia sobre o modo como os negros foram trazidos escravizados para o Brasil. Enquanto ela escrevia, burburinhos, risadas e vozes se espalhavam pela sala, ao que repreendia com um “psiiiiiu!”. Então, silêncio por alguns momentos. Depois, voltava tudo outra vez, novamente o burburinho, até a professora terminar o texto e começar a sua explicação. Precisou pedir silêncio mais uma ou duas vezes até que... a cena que volta à lembrança de um de nós, autores, de uma forma tão crua, tão dura, tão dolorida...

Gabriela se distraiu com uma colega que a chamara da mesa ao lado. Virou-se, esqueceu da explicação da professora e começaram a conversar. A professora pediu silêncio, falou mais alto... Turma tensa. Gabriela, por sua vez, não se deu conta do pedido da mestra e seguiu falando... Até que o berro a impediu:

- *Gabrielaaaaaaaaaaaaaa!* – então a menina assustou-se, deu um pulo na cadeira, com os olhos arregalados. A docente continuou:

- *Gabriela, presta atenção, garota!!! Isso que estou falando aqui, perdendo meu tempo, é para você e não é para mim! Eu já sei disso aqui tudo! Olha sua cor e olha a minha! Você acha que isso aqui fala da história de quem? Para quem?*

O silêncio cortou a sala em uma infinidade de pedaços, cristais partidos, ensanguentados pela dor de ser ferido lá onde mais dói, com a lâmina mais fria, porque indiferente: na nossa condição tornada mancha, na nossa existência feita inferior, menosprezada, na nossa diferença convertida em desigualdade, ainda que disso não tenhamos clareza. Doía em muitos estudantes daquela turma as palavras da professora, não apenas em Gabriela; uma dor que tampouco poderiam nomear ou explicitar. Eram crianças, como muitas crianças nas escolas públicas brasileiras, negros e negras, favelados e faveladas em nossa grande maioria; filhos e filhas de nordestinos, de analfabetos, pedreiros, camelôs. Suas identidades, por vezes, precisavam ser escamoteadas, escondidas, negadas. Sim, sabemos disso, mas a crueza com que nos batem aquelas palavras... Eram tão nuas, pontiagudas, amoladas. Os